

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE ENSAIOS

Joaquim Pinheiro  
José Ribeiro Ferreira  
Nair Castro Soares  
Rita Marnoto

# CAMINHOS DE PLUTARCO NA EUROPA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

## PLUTARCO EM OLIVEIRA MARTINS: O GÉNERO LITERÁRIO E A CONCEPÇÃO MORAL<sup>1</sup>

JOAQUIM J. S. PINHEIRO  
(Universidade da Madeira)

A tarefa de analisar a presença de Plutarco na obra de uma figura marcante da cultura portuguesa do séc. XIX é um exercício extremamente interessante por, em primeiro lugar, patentear a pervivência do Queronense na cultura ocidental e, além disso, a própria concepção que Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894) tem da história e da acção do homem, do tempo, das sociedades no evolver da história se aproximar das reflexões que Plutarco desenvolve nas *Vitae* e nos *Moralia*.

Contemporâneo de figuras tão insígnies como Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós, Oliveira Martins, um verdadeiro autodidacta e sem qualquer formação universitária, tanto exerceu cargos político-administrativos, inclusive trabalhou em Espanha na administração das Minas de Santa Eufémia (Andaluzia), como foi, por exemplo, fundador de um jornal, *O Repórter*. O percurso profissional de Oliveira Martins denota a diversidade dos seus interesses e a curiosidade do seu espírito, abrangendo domínios como a economia, a sociologia, a política ou a história. Além disso, a sua

---

<sup>1</sup> Expresso o meu agradecimento ao Professor Doutor José Ribeiro Ferreira por me ter sugerido o tema e pelo apoio prestado na sua concretização.

actividade pública influenciará decisivamente a sua produção literária, partilhando, desde logo, duas características com Plutarco que não deixam nenhum leitor indiferente: a multiplicidade de temáticas e a reflexão profunda que fazem sobre o seu tempo e o devir histórico, com uma estreita ligação às suas experiências pessoais. Na verdade, se a produção literária de Plutarco não é alheia à circunstância histórica da Grécia pertencer ao *imperium*,<sup>2</sup> também Oliveira Martins não é de todo indiferente a temas como o colonialismo, o *Ultimatum* ou a crise financeira, factos tão prementes numa sociedade decadente.<sup>3</sup> Talvez por isso, resgatem

---

<sup>2</sup> A propósito do seu tempo, D. Placido 1995: 383, chama a atenção para a contradição que existe entre a tradição de independência grega com o tempo em que Plutarco vive: “El momento histórico que les correspondió vivir a los griegos cultos de la época de Plutarco, integrados satisfactoriamente dentro del Imperio romano, al tiempo celosos de preservar sus señas de identidad como herederos de la cultura clásica helénica, condiciona en gran medida su forma de pensar en el terreno de la política. Se daba la curiosa circunstancia de que la presencia imperial se contradecía objetivamente con la tradición de independencia de la *pólis* y que en ésta, en la cultura y en la historia política, sobresalía el momento democrático como modelo en torno al que los griegos disputaban ya desde la época en que estaba vigente el sistema mismo. Ello ofrecía serias contradicciones con el momento vivido y aceptado”. (cf. A. Pérez Jiménez 2004: 50 sqq; os clássicos trabalhos de R. H. Barrow 1967: 43-50, 119-149 e de C. P. Jones 1971: 48-64 e Part II; mais recentemente podemos referir duas obras que contextualizam as circunstâncias em que Plutarco escreveu as *Vitae* e os *Moralia*: J. Boulogne 1994, e S. Swain 1998r.

<sup>3</sup> A este respeito, F. Catroga 2004: 284, escreveu: “não reconhecer que a conjuntura condicionou a ênfase que lhe conferiu, seria olvidar que, para ele, a história, enquanto saber, só valia pelos efeitos morais que podia suscitar, e a biografia era o género historiográfico que melhor cumpria essa função, como o aparecimento de revistas

do passado heróis modelares, que só o espaço biográfico consegue expor, mediante a caracterização do *ethos*, num plano ético-psicológico.

Tendo em conta três obras da sua vasta produção, *O Helenismo e a Civilização Cristã*, *Os Filhos de D. João I e A Vida de Nun' Álvares*,<sup>4</sup> percebe-se que Oliveira Martins não só tem conhecimentos sólidos da cultura clássica, como entende que a Antiguidade Clássica representa um período de criação verdadeiramente fundador e modelar, tendo consciência do sentido pedagógico dessa época e das suas influências no Ocidente. Aliás, o seu estudo *O Helenismo e a Civilização Cristã*, publicado pela primeira vez em 1878, reflecte precisamente sobre o valor do contributo da Grécia à cultura europeia, tema que atendendo ao que escreve na “Introdução” considera de grande actualidade:<sup>5</sup>

“Achamo-nos com efeito numa segunda Renascença; e as energias, se na primeira revolucionaram a Europa, abraçando-se à tradição clássica, a essa mesma tradição hão-de tornar-se hoje para encontrar o princípio capaz de resolver o antagonismo das ideias, de debelar as cegueiras do empirismo, e concluir a crise de grosseira impiedade e torpe egoísmo (...)”

---

como o *Plutarco Português* (1881), ou de colecções como a que Latino Coelho escreveu sob a epígrafe *Galeria de Varões Ilustres de Portugal*.”

<sup>4</sup> Consultámos e citámos das edições da Guimarães Editores, datadas, respectivamente, de 1985, 1993 e 1984.

<sup>5</sup> J. P. O. Martins 1985: 36.

Umás páginas antes já havia deixado claro a importância que atribui à Grécia e ao Helenismo:<sup>6</sup>

“É porém o Helenismo e não outra coisa a base do pensamento moderno, pela razão de que foi a Grécia, de entre as antigas civilizações, a única onde a filosofia apareceu como centro e foro da vida moral. (...) porque foi a Grécia a primeira civilização que concebeu a ideia sobre todas clássica do homem livre.”

Para demonstrar a permanência dos valores e do pensamento da Antiguidade, Oliveira Martins alude à semelhança existente entre o pensamento e as formas de personagens da Antiguidade Clássica na cultura europeia: Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte, repete Péricles; Voltaire sucede a Eurípides; Alexandre Herculano, “Velho-católico”, ao “velho grego” Aristófanes; Kant não é mais do que Sócrates; Platão e Aristóteles são fundadores do pensamento e do temperamento; Strauss e Haeckel recuperam o materialismo de Demócrito, enquanto Proudhon bebe influências no estoicismo.<sup>7</sup> Por sua vez, a D. Henrique, um dos filhos de D. João I, chama-lhe o “Cipião português”,<sup>8</sup> “Alexandre de uma espécie nova”<sup>9</sup> e “o nosso Hércules”.<sup>10</sup>

Este sinal de erudição surge também quando descreve acontecimentos da história de Portugal e os

---

<sup>6</sup> Ibid., pp. 19-20.

<sup>7</sup> Ibid., pp. 22-23.

<sup>8</sup> J. P. O. Martins 1993: 18.

<sup>9</sup> Ibid., p. 209.

<sup>10</sup> Ibid., p. 212.

relaciona com acontecimentos da Antiguidade, como na tomada de Ceuta:<sup>11</sup>

“Alta noite, no silêncio palpitante do mar, a água marulhava contra o costado dos navios, reflectindo as luzes dos archotes que incendiavam a cidade, em terra, e essa outra cidade flutuante, em cujas muralhas de madeira estes povos novos gregos iam também, numa segunda Salamina, investir com a multidão dos bárbaros. Mouros ou persas, que importa? A História era a mesma: o choque violento da onda da Ásia, quebrando-se contra a resistência dos ocidentais. Essa maré que viera subindo desde os tempos de Dário e Xerxes, alastrava-se até à Espanha com os árabes.”

Mais impressionante, no entanto, são as múltiplas citações, paráfrases ou simples alusões a autores e textos gregos que podemos encontrar em *O Helenismo e a Civilização Cristã*. Homero, Ésquilo, Sófocles, Heródoto, Xenofonte, Platão e, claro, Plutarco são os que merecem maior número de referências. No caso particular de Plutarco, Oliveira Martins mostra conhecer bem a obra do polígrafo de Queroneia. Fazendo uso da edição francesa de Alexis Pierron, datada de 1870, ou seja, publicada oito anos antes da sua obra, refere-se às *Vitae* cerca de cinquenta e quatro vezes, a maioria das quais à vida de Alexandre (37 vezes), enquanto os *Moralia* lhe merecem apenas três citações, todas do tratado *De superstitione*. Das *Vitae*, refere-se aos seguintes *bioi*: *Thes.*, *Them.* (três vezes), *Arist.*, *Cim.*,

---

<sup>11</sup> J. P. O. Martins 1993: 49.

*Per.*, *Nic.*, *Alc.*, *Cor.*, *Dion* (duas vezes), *Pel.*, *Alex.*, *Lyc.*, *Ag.* e *Cleom.* (duas vezes). Temos, assim, referência a heróis do período clássico (*Them.*, *Arist.*, *Per.*, *Nic.* e *Alc.*), do século IV a. C. (*Pel.*, *Ag.*, *Dio* e *Alex.*), do período helenístico (*Ag.* e *Cleo.*) e à biografia de Teseu, o fundador mítico de Atenas.

Note-se, ainda, que na maioria das vezes não cita o texto em tradução portuguesa, só fazendo referência à respectiva Vida e ao tomo da edição francesa, sem localizar a paráfrase ou a alusão. As muitas menções a Alexandre, o “Napoleão da Antiguidade”,<sup>12</sup> nas palavras de Oliveira Martins, devem-se ao facto de o Capítulo Sexto ter por tema “O Império de Alexandre”, onde se explica a acção épica do macedónio. Havendo na Antiguidade vários autores que escreveram sobre a vida e os feitos do imortalizado rei macedónio, como Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio Rufo e Arriano, não deixa de ser curioso que Oliveira Martins use a biografia plutarquiana como base para a sua reflexão e não faça alusão a nenhuma das outras.

Além deste conjunto de elementos, Oliveira Martins, em especial na “Introdução” da obra *O Helenismo e a Civilização Cristã*, tece uma série de considerações muito interessantes sobre a história, como arte e ciência.<sup>13</sup> Entende ele que a história, tendo subjacente um progresso com destino, está dependente

---

<sup>12</sup> J. P. O. Martins 1985: 22.

<sup>13</sup> Sobre a definição da concepção histórica de O. Martins merecem realce os trabalhos de M. de Albuquerque 1988: 9-80; P. Calafate 1990: 9-45; F. Catroga 1996: 117-136 e F. Catroga 2004: 243-288 e C. Maurício 2005: 19-154.

da acção do homem, mas também do tempo, das nações e das raças. Ora, também em Plutarco a participação de cada um dos heróis nos combates, nas discussões ou na *politeia* marca decisivamente a história. Por exemplo, Aristides e Temístocles, dois rivais, são indissociáveis das Guerras Medo-Persas. Torna-se evidente como tanto Oliveira Martins como Plutarco atribuem enorme significado aos efeitos da acção individual na sociedade. Como veremos mais à frente, a acção do Mestre de Avis ou de Nun'Álvares, além de marcar o seu tempo, condiciona a História do Povo Português. O mesmo processo ocorre, nas *Vitae*, com Péricles ou Alexandre.

Considera, ainda, que o “fortuito” tem um papel decisivo na determinação da história:

“Os casos fortuitos são na história infinitamente mais numerosos do que qualquer outra ciência. (...) Esta infinita multiplicidade de circunstâncias fortuitas tem dado e dará sempre à história, seja qual for a massa da erudição acumulada, um cunho próprio da sua superioridade.”<sup>14</sup>

Equivalendo “fortuito” ao conceito grego *tyche*, estamos, também neste caso, perante uma matéria de reflexão muito presente na obra do autor de Queroneia: até que ponto o homem pode ser responsabilizado pelos sucessos e desventuras da sua vida política e militar? Preside, por exemplo, aos tratados *De Alexandri Magni fortuna aut uirtute* e *De fortuna aut uirtute Romanorum*<sup>15</sup>

<sup>14</sup> J. P. O. Martins 1985: 8.

<sup>15</sup> Sobre estes dois tratados vide, *inter alia*, L. Pernot 1983:



a preocupação de abordar esta questão, estabelecendo-se a relação entre *tyche* e *arete*.<sup>16</sup> O sucesso deve apenas ser imputado à *tyche*? a uma divindade? Ou ao mérito humano?<sup>17</sup> Ora, quando não consegue encontrar uma explicação clara e sustentada para um acontecimento, Plutarco atribui à *tyche* a sua causa. Assim, a *tyche* surge como uma força divina que actua na história dos homens, de acordo com as atitudes morais desses mesmos homens, tornando-se estes os sujeitos principais do seu destino.

Por fim, quando Oliveira Martins considera que o encontro dos povos faz a história,<sup>18</sup> logo nos lembramos

---

121-9; S. Swain, 1989: 504-516; M. R. Cammarota, 1992: 105-124; G. Anderson 1993: 114 sqq.; A. D'Angelo 1996: 115-124; M. R. Cammarota 2000: 69-86; F. Becchi 2000: 299-317; M. R. Cammarota 2002: 147-166; T. Duff 2002: 263-4; refira-se que se tem discutido sobre qual o período em que Plutarco escreveu este tratado e as implicações daí decorrentes (Cf. C. PELLING 2002:1, n. 5 e 6 [=JHS 99 (1979): 74-96]; B. Scardigli (ed.) 1995: 312-318] e vide ainda C. Pelling 2002: 84, n.63.

<sup>16</sup> Cf. *Comp. Sol.-Pub.* 3.5.; *Phoc.* 1.4-6, 3.1-4; *Dio* 1.3.

<sup>17</sup> Cf. *Aem.* 12.1-3; 24.1-4.

<sup>18</sup> Sobre a ideia de que o encontro dos povos faz a história, escreveu O. Martins 1985:11 as seguintes palavras: “o encontro dos diversos povos e suas civilizações não é pois um mero acidente, senão a própria lei fundamental da história. Um povo isolado não pode tirar de si e desenvolver senão o que em si explicitamente contém; e só o encontro com outra civilização faz rebentar vivas e progressivas as forças latentes: por isso vemos pararem e como que cristalizarem aquelas nações a quem as circunstâncias fortuitas isolaram temporariamente do comércio dos demais povos. (...) desses encontros provém a sucessão das quedas e ressurreições, das construções e das ruínas, do nascer, crescer e morrer dos impérios, dos esplendores deslumbrantes e das trevas espessas, dos dias e das primaveras, estios e Invernos que marcam a derrota dos astros do sistema da humanidade.”

do paralelismo cultural das *Vitae*, entre Gregos e Romanos, a base temática da produção de Plutarco. Sem dúvida que a história grega está marcada por diversos encontros – com o Oriente, com os Persas, com os Romanos e com outros povos da bacia do Mediterrâneo – e desses contactos se foi modelando a cultura helénica e, *lato sensu*, a cultura europeia.

Nas biografias, *Os Filhos de D. João I* (1891)<sup>19</sup> e *A Vida de Nun' Álvares* (1893), podemos colher valiosos elementos sobre a concepção histórica e estabelecer paralelos com Plutarco. É precisamente na “Advertência” de *Os Filhos de D. João I* que Oliveira Martins, definindo os princípios do seu trabalho histórico-biográfico, se refere a Plutarco como um modelo:<sup>20</sup>

“Nas vidas de Plutarco, temos ainda hoje, parece-me um dos modelos deste género literário: já porque assim o grego entendia a história; já porque fazia, como deve ser, da análise psicológica e do exame biográfico, o núcleo do estudo e observação dos tempos. A história tem nos caracteres como a pintura do retrato, o seu terreno de eleição; porque o homem com as suas crenças, ideias e até preconceitos e fábulas, foi o construtor da sociedade.”

Deste modo, percebe-se que Oliveira Martins não se limita a fazer referências ou citações das *Vitae*, mas tem uma opinião esclarecida sobre o género literário usado por Plutarco. Tendo lido a biografia de Alexandre,

<sup>19</sup> Cf. A descrição dos filhos de D. João I e D. Filipa na p. 18 (cf. F. Catroga 2004: 284).

<sup>20</sup> J. P. O. Martins 1993: 8.

como o provam as várias menções que lhe dedica na obra *O Helenismo e a Civilização Cristã*, é natural que conhecesse a diferença que Plutarco aí estabelece no prólogo entre *história* e *biografia*.<sup>21</sup>

Ao escrevermos neste livro a vida do rei Alexandre e de César, por quem Pompeio foi derrotado, por causa do grande número de acções que servem de fundamento ao assunto, não diremos outra coisa em jeito de prólogo que pedir desculpa aos leitores que, se não contamos de forma exaustiva todos e cada um dos célebres feitos, mas resumirmos a maioria, não nos caluniem. Na verdade, nós não escrevemos histórias mas biografias, nem a demonstração da virtude ou do vício está, em absoluto, nas acções mais extraordinárias; pelo contrário, muitas vezes um acto insignificante, uma palavra ou uma brincadeira demonstram melhor o carácter do que os combates com inumeráveis mortos ou os maiores alinhamentos de exércitos e assédios a cidades. Tal como os pintores querem atingir as semelhanças a partir da face e da expressão dos olhos, que reflectem o carácter, preocupando-se muito pouco com o restante corpo, de igual modo nós devemos dar mais atenção aos sinais da alma e mediante estes representar cada vida, deixando a outros os feitos grandiosos e os combates.

Nesta espécie de declaração de princípios, Plutarco torna claro que não é sua intenção escrever histórias mas vidas (οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους)<sup>22</sup> e

<sup>21</sup> *Alex.* 1.1-2; cf. *Fab.* 16; *Galb.* 2.

<sup>22</sup> Apesar de aqui distinguir *historia* de *bios*, em *Dem.* 2.1, *Cat. Mi.* 12.1; *Thes.* 1.2, *Nic.* 1.5, *Cim.* 2.5, *Fab.* 1.1 e *Aem.* 1.1 chama *historia* ao texto que pretende escrever. Sobre este assunto vide A.

que, além disso, o leitor – o aviso serve também para o actual leitor que deve ter em conta a intencionalidade de Plutarco, ainda que possa lamentar o facto dele nem sempre ter sido fiel no uso das fontes ou não ter sido mais preciso e exaustivo na identificação de personagens ou no relato de acontecimentos que pululam os *bioi* – não deve esperar o relato completo dos grandes feitos, pois a virtude (ἀρετή) e o vício (κακία) podem ser melhor observados nas pequenas demonstrações do carácter humano. Também no prólogo do *bios* de Nícias,<sup>23</sup> Plutarco lembra aos leitores que não tem a intenção de rivalizar com Tucídides ou Timeu, mas procurar pormenores que exemplifiquem o carácter e o comportamento do biografado, deixando de referir aquilo que não contribui para essa análise. Será, assim, a partir de pequenos episódios normais da vida quotidiana, muitas vezes anedóticos,<sup>24</sup> num estilo próprio da Segunda Sofística, que Plutarco delineará o *ethos*.<sup>25</sup>

Feita a diferença básica entre o género histórico e o biográfico<sup>26</sup> um dedica-se a πάντα μηδὲ καθ' ἕκαστον ἐξειργασμένως, enquanto o segundo procura

---

Momigliano 1991 (ed. original de 1971); E. Valgiglio 1987: 50-70; B. Gentile & G. Cerri 1978: 7-27 e T. Duff, op. cit., p. 18 sqq; nos exemplos citados o termo *historia* parece estar mais próximo do sentido herodotiano de “pesquisa” do que de “obra histórica”; refira-se, ainda, que esta declaração é muito semelhante à de Políbio (10.21).

<sup>23</sup> 1.5.

<sup>24</sup> Cf. N. I. Barbu 1976: 134 sqq.

<sup>25</sup> Sobre a ἔμφασις ἥθους e o estilo mimético neste prólogo vide F. Frazier 1992: 4489 sqq.

<sup>26</sup> Cf. a distinção feita por Políbio entre biografia e história (10.21.8; 16.14.6).

ἐπιτέμνοντες τὰ πλεῖστα, o autor revela que tem dos factos históricos um indiscutível conhecimento mas que não está interessado em usá-los, de forma exaustiva, na sua produção literária, pois, como vimos, o seu objectivo é outro. Além disso, quando refere a sua intenção de aprofundar a análise dos sinais da alma (τὰ τῆς ψυχῆς σημεῖα), fazendo disso um pilar do seu projecto literário, Plutarco inscreve também os seus retratos biográficos no campo psicológico. Como ele próprio confessa, o seu trabalho assemelha-se ao do pintor,<sup>27</sup> que escolhe os traços que lhe parecem mais convenientes para ilustrar uma determinada pessoa ou a alma humana. Similarmente, Oliveira Martins considera-se um pintor quando escreve na “Advertência” da *Vida de Nun’Álvares* as seguintes palavras:<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> No prólogo do par *Cim.-Luc.* 2.2, expressa a distância temporal que o separa das figuras biografadas e a relação disso com a verdade, seu objectivo, para terminar com uma comparação com o trabalho do pintor: “nós, ainda que muitas gerações nos separem, pensamos estender o agradecimento até nós, os que agora existimos, por julgarmos que a imagem mais bela é a que reproduz o corpo e a face, revelando o carácter e a conduta de vida. Por isso, retomaremos na escrita das *Vidas Paralelas* as acções desse homem, expondo-as com verdade. Este é um suficiente sinal de agradecimento. Nem ele próprio [Lucúlo] apreciaria receber uma recompensa que forjasse uma narração falsa a favor dele, em vez de um testemunho verdadeiro. Como aqueles que pintam imagens belas e com muita beleza, ainda que tenham pequenos defeitos, nós julgamos não omitir, por completo, estes, nem os realçar. Pois isto ofereceria uma aparência deformada e diferente da realidade”; em *Mor.* 347 afirma que o melhor historiador é aquele que apresenta a narração como uma pintura de sentimentos e caracteres.

<sup>28</sup> J. P. O. Martins 1984: 7.

“(…) a pintura sintética e dramática da vida de um dos seres colectivos chamados nações sugere ao espírito uma ideia muito mais nítida, real e duradoura, do que a narrativa sumária da sucessão de acontecimentos.”

Deste modo, ambos os autores comparam a sua arte biográfica à do pintor,<sup>29</sup> pois também eles definem caracteres, seleccionando o que mais corresponde aos seus propósitos. Em Plutarco, como sabemos, a *biografia política*<sup>30</sup> tem uma manifesta intenção moral e pedagógica, sacrificando-se muitas vezes a rigorosa metodologia historiográfica. De forma idêntica, a biografia de Oliveira Martins, que nem sempre prima pela clareza e precisão,<sup>31</sup> tem um indiscutível alcance moral, até porque ele considera que “o que domina sobretudo a história são os motivos morais, e esses motivos parecem verdadeiros ou falsos conforme as eras e os lugares”.<sup>32</sup> A concepção que Oliveira Martins tem de Plutarco e do alcance moral da sua obra é evidenciado quando fala do saber de D. Duarte, o eloquente filho de D. João I:<sup>33</sup>

“Emigrando para fora dos claustros e despindo a cogula monástica, o saber, ao emancipar-se da tutela teológica

---

<sup>29</sup> Cf. J. Geiger 2000: 44-45.

<sup>30</sup> Expressão mais usada para designar a biografia plutarquiana, embora, como realça S. Fuscagni 2000: 22, e que nós reforçamos, não se pode entender com essa expressão que Plutarco seguisse uma objectiva estratégia política, mas apenas que a *politeia* e o seu exercício servem de base para a caracterização do *ethos*.

<sup>31</sup> Cf. C. Maurício 2005: 26.

<sup>32</sup> “Advertência” de J. P. O. Martins 1993: 8-9.

<sup>33</sup> J. P. O. Martins 1993: 132-3.

colocava-se na dependência da moral. Substituía ao transcendentalismo quase oriental um humanismo quase também inteiramente restaurado dos pensadores clássicos mais próximos dos modernos: Séneca, Marco António e Plutarco.”

Em relação ao objectivo pedagógico da sua escrita, Oliveira Martins revela-se um fiel seguidor do preceito *historia magistra vitae*:<sup>34</sup>

“Herdeiros das lições do passado, filhos de um mundo envelhecido, não podemos, é certo, repetir no seu objecto a devoção quase histérica dos santos medievais: mas havemos de aprender com os heróis, qual foi Nuno Álvares, de quanto o homem é capaz, desde que obedece aos impulsos generosos do seu coração e aos movimentos decididos da sua vontade enobrecida.”

Há ainda um elemento, muito versado pela crítica plutarquiiana e pelos estudiosos da obra martiniana, que não devemos descurar: a dimensão psicológica. Em primeiro lugar, o efeito psicológico exercido sobre os ouvintes ou leitores e sobre a sociedade em geral, e num outro plano, a caracterização psicológica das personagens. Plutarco, como um atento observador do comportamento humano, analisa as suas causas e consequências, acreditando que uma formação baseada em valores e princípios, tais como a ἀνδρεία, a πραότης, a φιλανθρωπία, a σύνεσις, a εὐτελεία,

---

<sup>34</sup> J. P. O. Martins 1984: 314.

a μεγαλοφροσύνη ou a δικαιοσύνη, o homem pode viver melhor e evitar os vícios que o levem a tomar atitudes que terão como fim a sua infelicidade. Note-se que os homens retratados por Plutarco, embora revelem diferenças entre si, têm um denominador comum: a energia que dedicam à sua missão de âmbito cívico.<sup>35</sup> Aliás, só aqueles que têm princípios virtuosos e sentido de serviço pelo bem comum se deveriam dedicar à *politeia*. Em linhas gerais, aquele que dirige e assume o comando da *politeia* tem de fomentar a justiça e a concórdia, evitar os excessos e, acima de tudo, ser modelo de princípios, que só se podem ter pela *paideia*, na qual a filosofia assume especial relevo.<sup>36</sup>

Esta tendência para aplicar uma análise psicológica aos heróis, à qual os Antigos chamam ética, é reveladora do uso que faz do material histórico. A biografia de Plutarco junta feitos históricos e apreciações morais, resultando desta fusão um modelo ético, assente numa conduta moral bem consolidada, ainda que por vezes um pouco complexa.<sup>37</sup>

Oliveira Martins, por seu lado, partilha desta concepção e não tem dúvidas em afirmar que a história é uma “arena amplíssima onde o artista e o erudito, o pensador e o crítico se encontram e se confundem, o jurista para indagar com escrúpulos, o psicólogo para analisar com subtileza.” Esta definição aplica-se quase

---

<sup>35</sup> É curioso que o amor, elemento essencial no romance, surge nas *Vitae* como um obstáculo ao cumprimento dos deveres militares e políticos, como nos casos de Demétrio e António.

<sup>36</sup> Cf. *An seni resp.* ou *Praec. ger. reip.*.

<sup>37</sup> Cf. J. Boulogne 1994: 60.



por completo ao erudito de Queroneia, pois as *Vitae* têm não só a marca do tempo, como constituem um itinerário pelos valores, pela história, pela literatura e pelo pensamento da Antiguidade. À semelhança de Plutarco, também Oliveira Martins resgata heróis do passado (Nun'Álvares, Mestre de Avis e outros), que não são simples figuras ilustrativas ou estátuas<sup>38</sup> do passado, mas têm alma e valores trans-temporais.

Ao escrever as biografias *Os Filhos de D. João I* e *A Vida de Nun' Álvares*, torna objecto da sua obra um momento histórico, a Dinastia de Avis,<sup>39</sup> decisivo na afirmação da consciência nacionalidade, recuando a uma época, nas suas palavras, “indecisa e confusa entre a tradição da Antiguidade culta e as lembranças actuais do viver desvairado nas guerras e depredações”.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Em *Mor.* 820B e E, Plutarco reprova a necessidade de se honrar alguém por meio de uma estátua, uma vez que suscitam a inveja, um dos grandes males da sociedade que se deve evitar, além de que as estátuas não resistem ao tempo e podem sempre ser destruídas, como as de Demétrio de Falero; Cf. *Cat. Ma.* 19.6; Alexandre recusa que se faça uma imagem dele no Monte Atos (Trácia), pois serão as conquistas que imortalizarão o seu nome (cf. *Mor.* 335C-E).

<sup>39</sup> F. Catroga 2004: 271-2: “Em Portugal, este *clímax* foi atingido com a dinastia de Avis. Foi então que, inaugurando uma nova sociedade alentada pelas conquistas a Sul, e pela incorporação de novas populações, os portugueses se voltaram para o mar. Só nesse momento a ideia de independência coincidiu com os interesses de toda uma região, e se criou a força colectiva necessária para vencer a atracção centrípeta de Castela, lançando-se o país na aventura das Navegações.”; o mesmo autor lembra que O. Martins recorre à história de Roma como paradigma do apogeu e declínio da história de Portugal.

<sup>40</sup> J. P. O. Martins 1984: 237.

Numa escrita densa, por vezes emocionada e repleta de referências a fontes históricas, Oliveira Martins evoca a acção dos seus heróis na defesa da pátria. Se olharmos, primeiramente, para a estrutura da *Vida de Nun' Álvares*, aquela que mais interessa ao nosso estudo, verificámos que apresenta uma sequência muito semelhante à das biografias de Plutarco: o *genos*, a *paideia*, a iniciação na *politeia* aos treze anos, desenvolvimento da *politeia*, os últimos anos de vida e a morte.

Da caracterização de Nun' Álvares, o Condestável, merecem realce diversos elementos. Começemos por citar um texto elucidativo do seu *ethos*:<sup>41</sup>

“Com a sua alma temperada pela educação ideal da Cavalaria, não o seduziam, nem o consolavam, as carícias do lar, o brando sossego dos campos, o esquecimento das coisas, deixando-se vegetar a compasso com o correr das águas e o crescer das árvores, numa inércia abandonada. Ferviam-lhe no peito ardores insaciados e no cérebro dançavam-lhe visões de desespero. Via-se aniquilado para sempre, inteiramente. E não era um homem que sucumbia: era um povo inteiro, a honra de uma nação: o sentimento heróico da Pátria portuguesa que o abrasava, fazia-o parecer doido ao comum da gente, afogada em cálculos da intriga, nos impulsos da cobiça, ou nos acessos, da ambição mesquinha. (...) surgia nele e com ele o sentimento novo da Pátria portuguesa. (...) Nem mulher, nem vaidade, as duas raízes mais profundas da acção humana, podiam dominá-lo...”

---

<sup>41</sup> Ibid, pp. 69-70.

Desde logo, a ênfase colocada no seu patriotismo e no seu serviço e sacrifício pelo colectivo, permanecendo um espírito independente. De igual modo, na biografia de Aristides, filho de Lisímaco, o amor pela pátria assume-se como a temática central.<sup>42</sup> Tal como do estrategista Filopémen, “o último dos gregos”, se constrói um retrato que frisa o seu amor pela Grécia e pela liberdade. Contudo, na biografia de Fócio, com uma perspectiva diferente, se faça notar que o patriotismo exacerbado é muitas vezes nocivo e inoportuno.

Pouco dado a discursos, Nun'Álvares assumia-se, sobretudo, como um homem de combate e comando (*philonikia*),<sup>43</sup> imprimindo nos seus seguidores disciplina e coragem. Por causa disso, na célebre batalha de Aljubarrota consegue persuadir um exército em inferioridade numérica a combater o inimigo todopoderoso.

Nos momentos de conflito, servem-lhe de modelo as tácticas de Viriato e Sertório.<sup>44</sup> Esta não é a única vez que se estabelece paralelo com personagens da

---

<sup>42</sup> Há quem veja na decisão de Plutarco em continuar na Queroneia (cf. *Dem.* 2.1-2) uma atitude patriótica e uma ligação íntima à terra dos seus ancestrais; cf. *Mor.* 792 E-F (o dever de regressar à pátria).

<sup>43</sup> Cf. “Quería ir, queria bater-se, queria morrer!” J. P. O. Martins 1984: 64.

<sup>44</sup> “Renasciam-lhe na ideia as invenções remotas de Viriato, ou de Sertório.” (ibid., p. 131) e “(...) e porque, nesse foco de resistência à conquista, estava de pé armado Nuno Álvares, o invencível, que não vergava ao peso de nenhum desânimo, e em cuja ideia a defesa do reino consistia numa ofensiva temerária, e a táctica salvadora na repetição das ignoradas façanhas de Viriato e de Sertório” (ibid., p. 151).

Antiguidade, pois também quando Nun'Álvares entra em território castelhano, Oliveira Martins escreve:<sup>45</sup> “Como Aníbal na Itália, seguia Nuno Álvares talando os campos: nas serras, o Barbuda [Martim Anes] repetia Fábio Máximo, o *cunctator*, esperando a desforra que não veio.” Para se atingir a vitória, Oliveira Martins considera que “a virtude e a candidez de alma eram condições indispensáveis ao êxito”, no fundo, dois conceitos, a *arete* e a *praotes*, que ilustram bem o pensamento de Plutarco.

Descrevendo Nun' Álvares como um homem que respeita o inimigo e divide os despojos de guerra com os companheiros, hábil, sagaz, destemido, íntegro, fiel aos princípios e enérgico nos objectivos, Oliveira Martins aproxima-se, talvez de forma inconsciente, da caracterização do herói das *Vitae*, ainda que na parte final da biografia, após as lutas pela defesa da pátria, a figura do Condestável atinja uma dimensão religiosa e mística, que não se encontra nos heróis de Plutarco. No entanto, em relação às outras qualidades, fazem recordar, a título de exemplo, a habilidade de Sertório, as virtudes guerreira e a simplicidade de Filopémen, a humanidade de Flaminino, a sensibilidade de Marcelo ou a moderação de Numa.

Conclui-se que Oliveira Martins usa a obra de Plutarco para clarificar a sua concepção de história e, além disso, ao mencioná-la variadíssimas vezes indicamos que lhe atribui um papel relevante no contexto

---

<sup>45</sup> J.P. O. Martins 1984: 212.

helénico e, em consequência disso, torna-se um dos pilares da presença clássica no Ocidente. À semelhança de Plutarco, faz do passado, ou seja, do conflituoso tempo de Avis, o centro da sua narrativa, de forma a iluminar o tempo presente. Ambos partilham a visão de que a história se repete<sup>46</sup> com sinais e protagonistas distintos. Nesse sentido, estudar, aprofundar e conhecer os “sinais da alma” e o *ethos* de figuras do passado significa ter consciência histórica e cultural.

---

<sup>46</sup> Vide, por exemplo, em *Sert.* 1.1. a reflexão sobre o tempo que passa com acontecimentos que se repetem. Ora, este não é mais do que um *topos* da historiografia grega (Cf. e.g. Tuc. 1.22.4), que prova a sua utilidade a partir da análise dessas repetições históricas, apontando causas e consequências.